
PalavrAr-te entrevista o artista e estudante da Faculdade de Letras, Guilherme Rezende.

<https://espacoalexandria.ufrj.br/category/projetos/palavrarte>

Publicado em 13 de julho de 2022.

Nesta entrevista, Guilherme Rezende conta como a integração entre arte e cultura tem se mostrado necessária em seus processos de escrita. Com espontaneidade, ele compartilha suas percepções de como sua cidade natal, seus deslocamentos, seus interesses e atravessamentos compõem sua formação subjetivo-social e delineiam sua atuação como estudante, professor, pesquisador e escritor.



PalavrAr-te: *Como foi seu início na UFRJ? Poderia nos contar como você se decidiu pelas Literaturas e pela licenciatura do curso de Letras?*

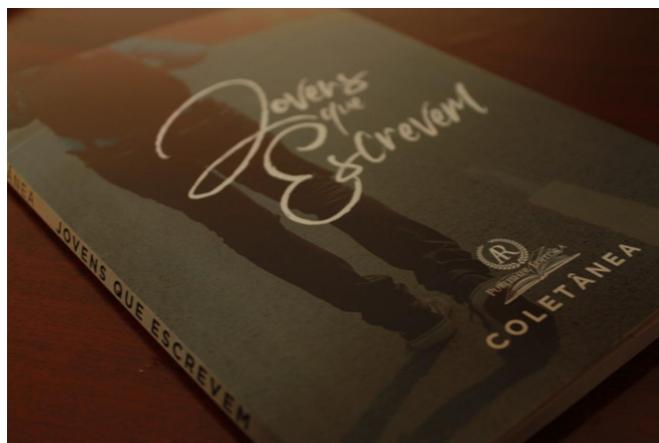
Guilherme¹: Comecei a querer cursar Letras em 2016. Quando eu ainda fazia o curso de Ciências Sociais, eu até puxava algumas matérias da grade de Letras e também foi nessa época que eu passei a escrever textos ficcionais. No mesmo ano, eu tranquei o

¹ Pesquisador das Literaturas Portuguesa e Africanas do Departamento de Letras Vernáculas da FL/UFRJ.

curso de Ciências Sociais e voltei pra minha cidade. Fiquei lá um ano e, nesse período, eu decidi tentar começar outra faculdade, eu estava entre Artes Cênicas na Unicamp e Letras na UFRJ. Também naquele ano, eu tive o primeiro contato com a literatura de Moçambique: *Terra Sonâmbula* — de Mia Couto — era um livro necessário para o vestibular da Unicamp. Esse livro pesou muito pra eu procurar uma faculdade de Letras que tivesse um departamento de Literaturas Africanas; e daí foi a opção pela UFRJ. Quando cheguei na UFRJ, eu meio que já fui à procura do setor de Literaturas Africanas, o que deu super certo! Procurei a Professora Carmen Tindó e ela já tinha uma vaga para iniciação científica, então acho que o início na UFRJ foi o melhor possível.

PalavrAr-te: *Nós também gostaríamos de conhecer alguns detalhes sobre seu processo de familiarização com o ambiente acadêmico enquanto jovem escritor. Quais aspectos foram mais desafiantes e/ou instigantes?*

Guilherme: Escrever... Escrever ficção é uma coisa muito doida, né? Porque, pra mim, é sempre procurar um jeito novo de falar uma ideia que eu já tive, ou disse, de outra forma. Na faculdade de Humanas, você acaba tendo que escrever sobre essas ideias e sua escrita está sempre passando por critérios de avaliação. Nesse processo, você tenta tirar as camadas de ambiguidade, você tem que mostrar conhecimento sobre os conceitos... Gosto disso, mas sinto que falta algo. Acredito que esse algo está na narrativa.



Jovens que escrevem, 2018.

Particularmente, na escrita, eu gosto de textos que experimentam na forma. Acho que, nos dias de hoje, o maior desafio de conciliar academia e arte é conseguir colocar na manifestação artística o conhecimento construído na sala de aula, no livro acadêmico

ou na conversa com colegas de modo que ele dialogue com as pessoas não só pelo conteúdo, mas pela forma.

PalavrAr-te: *Como futuro professor, você pretende levar para a sala de aula o desafio da escrita criativa e do diálogo com as diferentes artes e saberes? Como você olha para essa possibilidade e que tipos de estratégias pensa mobilizar?*

Guilherme: A pandemia acabou me mandando de volta pra minha cidade. Aqui, em Orlandia, São Paulo, tem um cursinho pré-vestibular de um professor do meu Ensino Médio que prioriza dar oportunidade para professores que estão se formando. Comecei a dar aulas nele com os conhecimentos de Sociologia e também com os de produção de texto, redação e escrita criativa. Acho que esse diálogo entre as artes e os saberes, de certa forma, já vem acontecendo. Conciliar os estudos da Sociologia com as produções do cinema brasileiro tem se mostrado uma boa estratégia.

O filme brasileiro “Abril Despedaçado”, por exemplo, é ótimo para perceber o fato social de Durkheim ou a ação social de Weber. O Documentário do Emicida, “AmarElo – é tudo pra ontem”, é perfeito pra trabalhar Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Silvio Almeida e outros pensadores que trazem conceitos sociológicos reivindicados a partir das questões de representatividade, que, ao longo dos anos, vêm ganhando maior dimensão na internet.

PalavrAr-te: *Você poderia comentar um pouco sobre o seu processo de criação e escrita? Por exemplo, como é a escolha do tema ou quais os recursos emprega na hora de escrever? Enfim, como é o sentar e escrever para você?*

Guilherme: Minha busca é por uma escrita cada vez menos séria. Vejo que, quando coloco menos expectativas, tudo fica mais leve e chego mais perto de uma “fluidez na escrita”. Eu digo isso porque acho que eu nunca tive uma rotina de escrita; a não ser uma vez em que eu sentei pra tentar escrever um livro em um mês e saiu o caos. Foi interessante, mas acho que a pressão de ter que terminar não fez bem pra história —

aliás, tenho certeza. Inclusive, penso que isso é um reflexo do valor social dado ao ato de escrever. Precisar finalizar um livro num prazo tal, se dá, quase sempre, em função de algum concurso, prêmio literário, edital... Porque, hoje, esse é o principal caminho — ou o caminho mais comum — pra quem tenta publicar ou ganhar algo escrevendo.



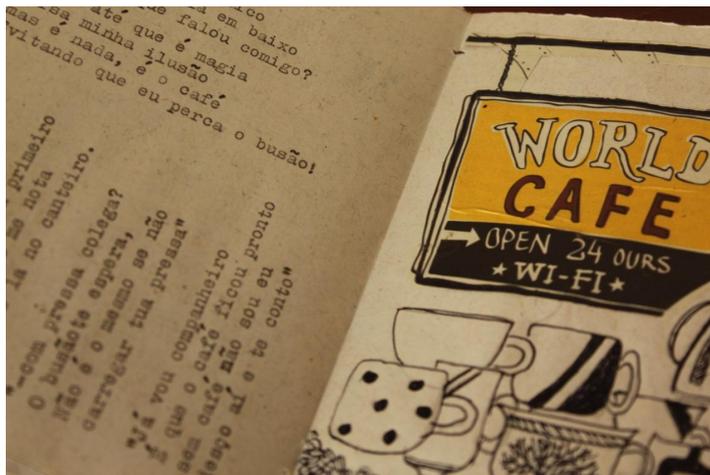
Estou aprendendo a entender a pressa como desnecessária. Tem umas coisas que eu comecei fazer pra *respeitar o tempo*. A primeira foi escrever tudo à mão primeiro. O esforço de ter que reler o que eu escrevi na hora que a ideia veio me faz revisar, acrescentar, tirar, tirar, tirar e tirar coisas. Esse é um processo que leva tempo. Quando a ideia vira "texto digitado", ela já tem um percurso mais ou menos longo, o que eu acho crucial pra "fermentar".

PalavrAr-te: *Como se dá a escolha das temáticas durante seu processo de escrita, você percebe algum padrão? Gostaríamos de saber mais sobre as questões que te levam para a escrita. Você poderia falar sobre esses detalhes trazendo como exemplo alguma(s) de suas produções?*

Guilherme: Geralmente, há *um alguém* ou um acontecimento marcante. Não precisa ser grandioso, só precisa ser significativo. E, nesse caso, o que é ou não é marcante depende de mim, de estar aberto para se deixar marcar: pode ser uma conversa, uma viagem ou uma *brisa* num dado momento. O conto "Relâmpago" foi uma *brisa* dentro do ônibus. O presidente ainda era o Temer, mas continua válido pra agora. No meio do trânsito da Presidente Vargas, vários carros iguais, de vidro fumê, estacionaram ao lado do ônibus em que eu estava. Parecia *real* que alguém com medo de aparecer vinha se escondendo... Só consegui pensar no presidente, ali, do lado do ônibus, já pensou se... E aí vem o conto: curto, rápido, com um fim trágico pra ele, como precisava ser a presidência dele — e a desse também.

PalavrAr-te: *Você sentiu que a pandemia impactou de alguma forma a sua produção literária? Poderia citar alguns exemplos práticos e/ou subjetivos?*

Guilherme: Na prática, ela me fez voltar a viver na mesma casa em que eu cresci. Então o contato com essa memória viva me fez querer escrever, ao olhar para ela, de modo que tudo fica muito carregado de significação. Outra coisa que eu já vinha pensando muito — e que a pandemia tornou muito maior — é o quanto temos entrado em *bolhas de pensamento*, e como que outros contextos, diferentes da universidade e da metrópole "cosmopolita", possuem outras formas de pensar e perceber o mundo. São outras formas de se alimentar, de conviver, de polemizar, de achar coisas bonitas ou feias e



que são tão ricas quanto aquelas que são da bolha. Se você está na faculdade e tem acesso às palavras e aos conceitos específicos, quando sai desse contexto e volta a conviver com familiares, por exemplo, você vê como esses conceitos estão vazios, como estão descolados do dia-a-dia e o quanto são prescritivos. E o caminho passa a ser tentar dialogar com palavras comuns, mas que carregam toda uma visão de mundo. É importante dizer que não se trata de evitar o conhecimento das ideias e dos conceitos acadêmicos; sim de repensar, des-pensar e *pensar* palavras e posturas que não se encerram nas nossas bolhas.

Tentar convencer meu tio a tomar vacina foi uma experiência e tanto sobre isso! Eu até podia chamar de terraplanista, bolsonarista, ista, ista e ista... e ele ia entender bulhufas do que eu estava dizendo. O cara chama o vírus da COVID-19 de “bichim da goiaba”. Então foi melhor perguntar porque as pessoas jogam veneno contra pragas no sítio onde ele trabalha; e ele entendeu por esse caminho. Tá lá, o cara vacinou.

PalavrAr-te: *Você tem escritores, escritoras ou pessoas de outros meios que são importantes para o seu processo de criação? No seu ponto de vista, como essas referências marcam sua obra?*

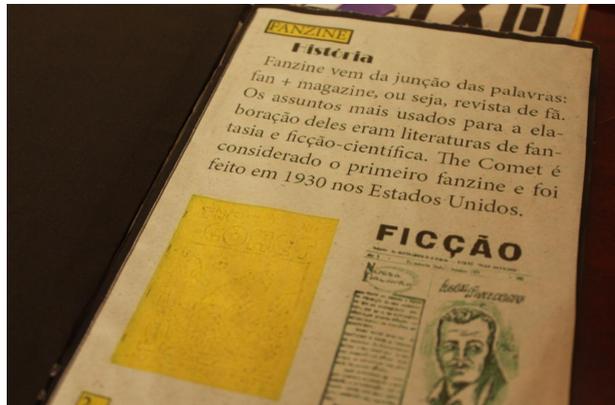
Guilherme: Todas as pessoas, principalmente minhas amigades que estão tentando se colocar no mundo com arte — e que eu não vou citar porque sei que vou esquecer de falar o nome de alguém, mas que toda vez que eu encontro, converso, compartilho ou faço algum trampo junto —, me encham de energia e me ajudam a ter mais fé no que é da gente.

O Eduardo Coutinho é, sem dúvidas, uma referência. O valor que ele dá pras palavras durante uma entrevista; a capacidade de fazer muito com muito pouco; a busca do espontâneo; a curiosidade de mundo, entre tantas outras coisas. A prosa de Hilda Hilst me intriga demais — no texto dela, ficam coisas sem entender que eu preciso demorar — e é de uma honestidade... É um pensamento nu. Mas o que eu mais “fico de cara” lendo é o Cortázar. Na poesia, eu me identifico com a escrita de Manoel de Barros. E nem é só o jeito que ele escreve. As viagens dele são de sítio, terra, bicho, infância, um menino velho.

No cinema, o grupo *Geração 80*, de Angola. É uma galera nova fazendo uma revolução no cinema de lá, uma estética muito incrível! Por exemplo, no filme “Ar Condicionado”, eles viabilizaram os próprios recursos num país que não tem política de incentivo (parecido com um outro aí). Fizemos uma *live* pelo projeto de pesquisa com dois deles no mês de junho e foi sensacional. Pra mim, é uma referência sobre como fazer cinema hoje.

PalavrAr-te: *Notamos que, no conto “Real Angústia”, você cita um dos mais importantes narradores de Machado de Assis: Brás Cubas. Em geral, como você vê ou lida com a relação-estruturação entre o contemporâneo e o cânone literário, principalmente, na escrita de seus contos? Você acredita que conhecer o cânone e referenciá-lo se resume a uma forma de mostrar conhecimento academicista ou crê que pode ser um caminho genuíno de enriquecimento literário?*

Guilherme: Entendo que, antes de ser um conhecimento academicista, Brás Cubas é um narrador de um texto literário. O uso ou a referência que se faz dentro do conto passa pela necessidade interna do conto.

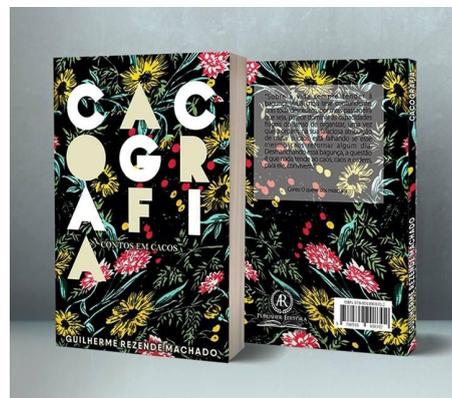


“Real Angústia” fala sobre dois escritores que moram juntos, um deles está a todo momento preocupado com a morte e preocupado em mostrar as referências que usou depois de morrer e o outro escritor não tem essa preocupação. Ambos acabam na mesma prateleira. Não acredito que o

conto — ou pelo menos não é assim que eu vejo — seja lugar para mostrar referências; mas conhecer bons contos, romances, poesias, receitas de bolo, de alguma forma, enriquece a escrita. “A maior parte da escrita é a leitura” é o que eu venho ouvindo faz muitos anos.

PalavrAr-te: *No texto de apresentação de Cacografia: contos em cacos, você faz alguns comentários sobre o termo que se destaca no título da obra (cacografia) recontextualizando-o pela subversão e por uma espécie de apropriação. Você poderia compartilhar conosco outros detalhes e aprofundar como se deu a construção da relação entre título e obra?*

Guilherme: *Cacografia* significa escrever errado, separar sílabas de maneira errada. Essa foi a minha primeira publicação e o que eu tentei fazer foi me desobrigar a escrever certo ou do jeito que se acredita que é escrever certo. Nesse processo da escrita, procurei produzir da maneira que eu estava sentindo; e que mantivesse o sentido do que eu queria falar. Não sei se isso *afastou* ou *aproximou* o texto de um português culto — e também não é minha intenção saber. O que eu quis — e o que deu pra fazer — foi juntar os cacos da memória, de sentimentos e de histórias.



Cacografia, 2018.

Então o que surge no final é a combinação de histórias que, na maioria das vezes, não fazem parte de um mesmo episódio, mas que se misturaram, fazendo um vitral com os cacos.

PalavrAr-te: *Você percebe a existência de algum recorte temático principal que atravesse suas produções? Você acha que seu gosto pela fotografia e pelo cinema exerce influência em suas escolhas, como?*

Guilherme: Recorte temático acho que não; mas, tendência, acho que sim. Uma tendência à narrativa psicológica, o que às vezes me incomoda um pouco e esse incômodo me exige repensar a forma. Acho que a fotografia e o cinema são influências diretas de quase todo texto de hoje, eu botaria mais uma coisa na conta: a rede social. O mundo está cada vez mais cheio de telas e seria até estranho se, na arte do texto, elas não aparecessem. Digo como tema, né? Agora, como influência da forma de narrar, total também. A forma de descrever um ambiente, de pensar a duração de uma cena, de pensar os diálogos. Até o *podcast*! Outro dia, terminei um conto que acabava em *podcast*.

PalavrAr-te: *Você enxerga uma convergência de temáticas ou qualquer tipo de costura entre sua produção escrita e sua narrativa visual?*

Guilherme: Olha, ainda não. Se tem, eu ainda não achei; mas eu quero achar. Deve ser interessante ter um estilo próprio e tal. Estabelecer relação e costura pode ser algo que eu passe a enxergar depois de insistir que ela exista e isso pode ser “forçar a mão” um pouco. Acho que o que há — e é o que eu tenho buscado respeitar — é um tempo natural pras coisas surgirem, pra não virar linha de produção, sabe? Isso que tem rolado, principalmente, por conta do Instagram: o tal do engajamento.

PalavrAr-te: *Os lugares de onde você vem, suas vivências e expectativas se entrelaçam e se revelam na escrita de seus textos literários? Como você olha para essa questão?*

Guilherme: O último conto que eu escrevi é justamente sobre esse cruzamento. Eu encaro o lugar de onde eu venho como bem distante das artes. Arte é coisa de gente atoa pra maioria das pessoas da minha cidade; ou então é aquilo que todo mundo ouve ou assiste. Aqui, Orlandia, é o lugar do mundo do trabalho — que eu admiro e faço parte —, mas é como se esse mundo do trabalho não suportasse a arte, como se ele ruísse toda vez que ela aparece sem picar o cartão das oito às dezoito. Escrever, fotografar e filmar são ações que, na minha percepção, foram formas de ir contra esse caminho pré-estabelecido de vida. Então, como é uma motivação, acho que o que resulta disso está muito perpassado por esses conflitos. É uma divergência entre uma visão muito racionalista — que pra mim não tem muito a ver com saber usar a razão — e outra muito de percepção, com os sentidos — que eu considero um uso massa dessa razão. Ao mesmo tempo, eu não tenho expectativa de viver só de arte, acho que isso me descolaria muito de como o mundo acontece para a maioria das pessoas. Então meu jeito de conciliar as coisas tem sido querer ser um professor cada vez melhor.

PalavrAr-te: *Você não é natural da cidade do Rio de Janeiro, como esse deslocamento geográfico, linguístico e cultural — dentro e fora da UFRJ — tem se mostrado proveitoso em seu desenvolvimento artístico e humano? Você já passou por outras experiências parecidas com essa ou diria que o maior deslocamento psicogeográfico que realizou foi sua vinda para o Rio?*

Guilherme: Esse foi meu maior deslocamento e o mais longo. Estar em um lugar em que as pessoas te olham quando você termina uma palavra com “r de interior” é curioso. Você fica em evidência; e isso pode abrir e fechar portas na mesma hora. Na maioria das vezes, tento fazer ser motivo pra começar uma conversa. Em outros momentos, só quero passar despercebido mesmo. Mas o Rio, toda hora, está cheio de turistas e gente com sotaque diferente é o que não falta.

Acho que as mudanças mais relevantes envolvem a realidade do dia a dia na cidade grande: ficar muito tempo no trânsito, não ter hora certa para se alimentar, não ter acesso rápido ao hospital, não ter muito tempo para se exercitar... Isso tudo me impactou muito.

Tem uma história interessante de um dia em que fomos para Seropédica na UFRRJ com o time de futsal da letras pra jogar uma partida. Nos primeiros dez minutos de jogo, eu levei um chute na boca. Com o chute, eu mordi a língua e ela ficou cortada, meio que pendurada por uma parte e precisava ser costurada urgentemente. E isso era o quê? Umás seis da tarde. Eu não tinha convênio médico e precisava de um lugar pra costurar a língua. Um amigo, o Vitor, me deu um “salve” e me levou num Hospital em Irajá. Isso já era mais de nove da noite. Quando eu estava deitado na cadeira do cirurgião dentista, com a boca toda amarrada, ele disse: “É acho que a gente vai ter que tirar esse pedaço aqui”. Eu só conseguia dizer: “ãõ..ãõ..ãõ..ãõ”. Até hoje, eu não sei se ele estava me zuando; mas depois desse dia aí, eu lembro de dizer: “Vou é embora dessa cidade aqui”.

Hoje, eu já vejo muitos lados positivos. Eu tive contatos culturais que eu nunca teria em Orlandia: o Festival de Cinema Negro Zózimo Bulbul; a escola de cinema Darcy Ribeiro; as exposições do CCBB; as peças de teatro da Lapa; a Feira de São Cristóvão; e as minhas amizades — que eu estou louco pra rever.

PalavrAr-te: *Suas vivências na cidade do Rio e em Orlandia te permitiram ter contato com diferentes visões de mundo e estilos de vida. Você acredita que a interação com pessoas, histórias e grupos sociais variados pode favorecer o processo de construção de personagens, cenários, enredos? Se sim, você poderia citar algum(s) exemplo(s) que tenha(m) se materializado em seus textos?*

Guilherme: Na Linguística, o pessoal fala muito sobre a L1, a L2 e a L3 — que são as línguas que a gente aprende durante a vida. A L1 é a que a gente aprende mais profundamente porque é aquela que nós usamos pra dizer as primeiras ideias de forma verbal, as demais a gente não consegue aprender da mesma forma, mas aprende. Eu

acho que é assim com o lugar que a gente cresce, ele forma a maior parte das nossas representações do mundo. Não acho isso nem bom nem ruim, só acho que é assim. É por esse motivo que eu procuro sair, pra não ter só aquela referência, aquela representação do mundo, que também é boa e rende muitas coisas pra escrever. Vão entrando novas pessoas e novos lugares. Eu acredito que ainda estou construindo a minha L2. As próximas escritas — e até as escritas atuais — já carregam um peso menor do lugar onde eu nasci. Curiosamente, São Paulo e o Rio de Janeiro aparecem no final do *Cacografia*. Ter contato com teatro e cinema no Rio modificou muito e deu mais possibilidades formais para as histórias que escrevo. Mas o que mais influencia, sem dúvida, são as pessoas e a forma de interação que é bem diferente de Orlândia. Tenho um conto chamado “Horóscopo Particular” — publicado na revista *Odisseia Literária* — que talvez seja sobre esse percurso de sair do lugar comum para o lugar distante, para o lugar do outro.

PalavrAr-te: *Atualmente, você realiza uma pesquisa sobre o Cinema de países africanos de língua portuguesa que parece interessante. Você poderia nos falar um pouco mais sobre sua pesquisa, sobre como esse interesse surgiu e, especialmente, sobre como ela te (re)orienta enquanto artista e professor?*

Guilherme: A pesquisa é um diálogo entre literatura e cinema. Já vou pro quarto ano com ela e, a cada ano, a gente procura trabalhar um par diferente. No primeiro ano, em 2018, foi sobre José Carlos Schwarz, músico e poeta da Guiné-Bissau. Schwarz foi o primeiro a cantar músicas na língua crioula nas rádios guineenses e isso tem um peso juntamente com sua contribuição ao lado de Amílcar Cabral na luta pela independência. A pesquisa pretendia verificar como o documentário de Adulai Jamanca sobre o músico em questão dialogava com a sua obra artística e contribuição histórica.

Já no segundo ano, a pesquisa voltou-se para Moçambique, especificamente, sobre a adaptação do filme “Terra Sonâmbula”, de Teresa Prata, que foi baseado no livro de Mia Couto de mesmo nome. Em 2020/2021, fizemos o contrário, analisamos como o livro *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui, capta a ideia do histórico Carnaval da Vitória em Angola presente no filme de mesmo nome do Angolano António Ole. O próximo eixo

de pesquisa ainda está por definir; mas, provavelmente, seguirá a mesma linha de adaptações e/ou transcrições intersemióticas das artes em África de língua portuguesa.

O interesse por essa linha de pesquisa vem da vontade de conhecer a literatura e, conseqüentemente, o cinema feitos em África desde antes da graduação. O desejo de produzir artisticamente cinema e literatura também me motiva a conciliar tudo como tema de pesquisa. Enquanto professor, tudo isso é de uma importância única porque cria novas referências sociais, estéticas e históricas: todo um conhecimento fora daquilo que é tomado como Cânone.

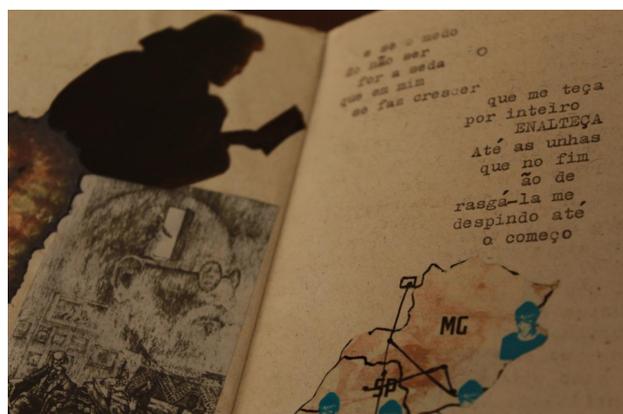
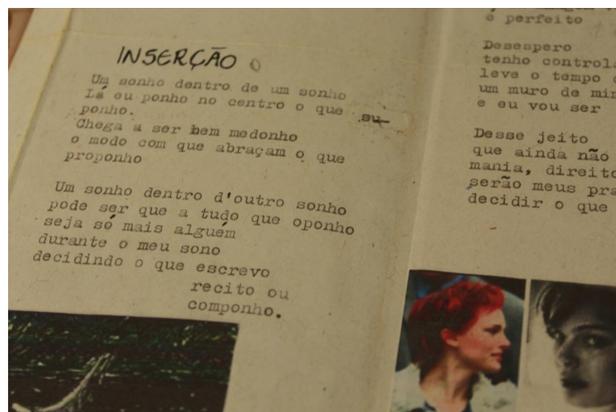
PalavrAr-te: *Literatura e Cinema são duas linguagens artísticas diversas que, ora ou outra, se esbarram. Como apreciador — e produtor — dessas duas artes, você acredita que as escritas contemporâneas seriam capazes de gerar uma interação ainda maior entre elas ou entende que o contexto atual já proponha contornos convenientes a essa relação?*

Guilherme: Em 2019, surgiu um burburinho de que iam adaptar o romance *Cem Anos de Solidão*, de Garcia Marques, para uma série da Netflix. Lembro de ter conversado com a Professora Luciana Salles — que tem um grupo de pesquisa sobre Cultura Pop — e, na época, ela super curtiu a ideia de fazer uma pesquisa sobre essa adaptação. E aí fomos nós, né? ... Uma adaptação que ainda nem existia...

No começo, a pretensão era dizer que o livro era inadaptável, tanto por questões estéticas que envolviam tempo quanto pelo esvaziamento da forma do romance, já que a lógica da série é prender quem assiste na lógica do “maratonar”. Bem, hoje, eu acho que era uma pretensão muito grande, exatamente porque a ideia da adaptação de um livro não deveria gerar a expectativa de “assistir” ao livro. Literatura e cinema são categorias diferentes de sentido. A linguagem icônica e sonora dos filmes não precisa corresponder a linguagem simbólica da palavra.

O Brasil, a meu ver, tem boas experiências na realização de adaptações em formato de séries. Posso citar a adaptação em minisséries de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, e do

próprio *Dom Casmurro*, de Machado. Sobre isso, vejo duas coisas importantes: como foi uma escolha para a televisão, facilitou o acesso a muita gente e também possibilitou deixar muito pouca coisa de fora em relação ao livro. O fato de serem séries muito curtas — com no máximo dez episódios — parece ter favorecido a estética em detrimento do engajamento. Eram séries que não deixavam aquele gancho estratégico que pede o próximo episódio no fim de cada capítulo. Esse gancho é uma herança da novela — totalmente presente no *streaming* — que tem mais a ver com querer prender a atenção do que adaptar a poética da obra escrita. Sobre a escolha estética, na minissérie “Capitu”, por exemplo, seria impossível — material e financeiramente — a reprodução filmada do século XIX, como faz Machado de Assis por meio da palavra. Então a escolha foi por representações que usaram do lúdico e muito da linguagem indicial. Você tem a personagem do Tio Cosme subindo em um cavalo que não é um cavalo, sim o indício de um cavalo em uma estrutura de ferro; o muro da casa de mata-cavalos que não é um muro, mas o desenho de um muro. Acho que essas sacadas deixaram a adaptação mais interessante.



Sobre a minha escrita... Eu acho que cada vez mais me pego escrevendo imaginando aquilo filmado. Então, o desafio que eu tenho me proposto é: como eu faço para escrever uma história em que a adaptação não seja muito óbvia na minha cabeça pra que se, um dia, alguém a adaptar — *pretensões* — , a adaptação traga uma coisa massa, inovadora e tal?

PalavrAr-te: *Em sua breve apresentação ao PalavrAr-te, você comentou que já foi garçom, já entregou panfletos em praias, vendeu artesanato, trabalhou em horta e, atualmente, complementa a renda vendendo cocadas — que afirma serem bem boas. Com certeza, você já deve ter feito muitas outras coisas! Considerando a baixa remuneração dos profissionais da educação e da classe artística, em nenhum momento, a insegurança financeira te abala em suas escolhas? Poderia nos falar um pouco mais sobre como você lida com essa questão e com os (des)conselhos que costumamos receber de familiares e amigos?*

Guilherme: “Guilherme, você viu que abriu o concurso da prefeitura, por que você não presta?”; “Mas você tá só estudando e dando aula agora?”; “Ó, o restaurante x abriu vaga pra garçom, vou te mandar”. Toda hora. Toda hora aparece alguma coisa pra dizer que investir tempo em dar aula e escrever, fazer filme, é coisa de gente que sonha demais. Como eu disse, essa é a influência vinda da minha cidade que eu mais sinto. Ultimamente, tem sido importante entender também que o que eu sinto como pressão dos outros tem mais a ver com o fato de eu ainda não ter estabelecido muito bem o que eu quero. Acho que é algo que demora também, essa coisa de saber o que se quer. Mas quando você encontra, aí tudo começa a mudar e eu sinto que, a cada ano que passa, vou encontrando mais um pedacinho.

Por exemplo, sobre publicar: eu acho que qualquer pessoa que escreve gostaria de ver seu livro publicado numa grande editora. Eu pelo menos sonho com isso, às vezes... Contudo, é bom entender o que tudo isso implica também. Implica ser uma figura pública, provavelmente produzir com uma certa regularidade, assinar contratos, gerar o tal do engajamento e, pra tudo isso, ainda não sei se eu “to on”. Nos últimos tempos,

tenho pensado nas implicações de se auto publicar. Além das cocadas, estou aprendendo a encadernar livros com a lombada quadrada, tenho pensado muito em fazer todo o processo do livro.

O que ainda trava essa ideia é a necessidade de pagar as contas, seria um gasto muito grande com um retorno imprevisível e em uma demanda de tempo que ainda não sei mensurar. Mas, hoje, seria minha forma ideal de fazer. Isso envolve muita coisa, como: estar seguro de que o que você escreveu não depende da crítica ou da aprovação de um concurso, de jurados; estar seguro sobre o fato de que ser lido por pelo menos uma pessoa é tão importante quanto ser lido por cem e, principalmente, de que o que você escreve é sim importante e novo de alguma forma.

PalavrAr-te: *Com toda bagagem e interesses variados que você acumula, qual seria sua leitura-escrita da UFRJ — ou da FL — enquanto espaço de produção e disseminação de saberes? De seus variados pontos de vista — pode escolher os que quiser —, quais aspectos favoráveis você ressaltaria e quais aspectos acredita que poderiam ser melhorados?*

Guilherme: Acho a Faculdade de Letras um local ambíguo. Ao mesmo tempo que acolhe uma diversidade de pessoas muito grande, já presenciamos episódios de racismo, de autoritarismo, de professores que passam conteúdos problemáticos se escondendo atrás da liberdade de cátedra. Uma vez, um cara passou um documentário sobre o salazarismo de Portugal, que aos meus olhos relativizava o autoritarismo desse regime. Acho que sinto falta também de um olhar para estudantes que produzem algum tipo de arte e nesse sentido esse projeto de vocês é um acerto!

Mas como espaço de disseminação de saberes, vejo muitas ações interessantes: a da professora Ana Paula Quadros sobre combate ao preconceito linguístico e do professor Paulo Maia, com o GEM, trabalhando o cinema junto da população; o nosso projeto do setor de Literaturas Africanas — o *CinÁfrica* e o *Africa Zoom* (no Youtube) —, que, nos últimos meses, vem trazendo debates com artistas dos países africanos de língua portuguesa; o projeto de extensão de Cultura Pop da Professora Luciana Sales, fazendo

formação em escolas; e muitos outros que eu tive um contato menor. São projetos que fazem valer o tripé ensino, pesquisa e extensão — que é o que diferencia a universidade pública do ensino privado no país.

Quando penso em falar sobre a UFRJ, sei que os problemas são muitos, mas, no momento atual — em que qualquer crítica construtiva é usada por gente mal caráter para tentar fechar o ensino público no país —, penso que essas críticas precisam ser



divididas com quem quer construir a universidade pública. A UFRJ tem feito, na minha vida e na de muita gente, uma transformação pra melhor. A minha esperança é de que, em 2023, estejamos livre desse cara que desgoverna, com todo mundo vacinado; que estejamos mais

seguros sobre o que vamos comer e vestir; que estejamos mais amparados por conhecimentos científicos pra ter saúde e educação; que tenhamos mais cinema livre de censura — cito o filme "Marighella" como exemplo —, mais oportunidades pra fazer arte. E que nenhum prédio pegue mais fogo, pelo amor de Deus.

PalavrAr-te: *Por fim, há alguma separação entre o Guilherme-autor e o Guilherme-estudante-de-Letras?*

Guilherme: O Guilherme-estudante escreve em *Times New Roman*; o autor escreve em caneta e depois em *Cambria*. Mas, quando precisa submeter o texto pra algum lugar, tem que voltar para *Times*. Então, acho que não tem separação não, viu?

Entrevista realizada pela modalidade escrita em 29 de julho de 2021 e 20 de agosto de 2021.

Imagens: Arquivo pessoal do artista.

Contatos do artista: @retratosbrasilenos

PalavrAr-te: Paula de Souza (graduanda em Artes Visuais/Escultura da Escola de Belas Artes da UFRJ); Mônica Santos (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Anna Carolina Lopes (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Amanda Cipriano (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); e Felipe Florentino (graduando em Letras: Português-Latim da UFRJ).

Supervisão de texto: Anieli Improta França.
